
O arquétipo da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente

Simona Ailenii*

Universidade do Porto (Portugal) / Universidade “Alexandru Ioan Cuza”
(Roménia)

Resumo:

O fragmento da *Estória do Santo Graal* (equivocamente designado *Livro de José de Arimateia*) recentemente descoberto no Arquivo Distrital do Porto testemunha, em conjunto com os fragmentos do Livro de Merlin e do Livro de Tristan, o processo de tradução do ciclo arturiano em prosa para galego-português nos séculos XIII-XIV. Examinaremos, neste estudo, em primeiro lugar, o tipo de relação que este fragmento mantém com o testemunho português há mais tempo conhecido da Torre do Tombo; em segundo lugar, a configuração da versão (ou versões) do romance francês do qual os dois testemunhos portugueses descendem e, finalmente, o lugar dessa versão (ou versões) no seio do panorama conhecido do *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*. Procederemos a uma colação sistemática dos testemunhos portugueses com os testemunhos franceses.

Palabras chave:

Literatura medieval, romance arturiano, galego-português.

Abstract:

The fragment of Estória do Santo Graal (mistakenly referred to as Livro de José de Arimateia), recently discovered in Arquivo Distrital do Porto testifies, together with the Livro de Merlin and the Livro de Tristan fragments, the translation process of the Arthurian cycle in prose from French into Galician-Portuguese in the thirteenth-fourteenth centuries. In this study, we shall start by examining the nature of the relation between this fragment and the Portuguese testimony known from Torre do Tombo; secondly, we shall examine the construction of the version (versions) of the French romance from which the Portuguese testimonies descend and, finally, the place of the version (versions) in the framework of the well-known stemma codicum panorama of Estoire del Saint Graal. We shall proceed with a systematic colation of Portuguese and French testimonies.

Key words:

Medieval Literature, Arthurian romance, Galician-Portuguese.

* Agradecemos ao Professor José Carlos Ribeiro Miranda o auxílio prestado na redacção do presente trabalho.

1. Introdução

O fragmento da *Estória do Santo Graal* (equivocadamente designado *Livro de José de Arimateia* pela crítica contemporânea) recentemente descoberto no Arquivo Distrital do Porto¹ testemunha, em conjunto com os fragmentos do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan*², o processo de tradução do ciclo arturiano em prosa para galego-português nos séculos XIII-XIV. Entre estes três testemunhos arturianos ibéricos –os mais antigos–, aquele que contém uma porção da *Estória do Santo Graal* (LJA) representa um caso particular por se ter conservado num fragmento pergamináceo do Arquivo Distrital do Porto (NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012) que é possível colocar em confronto com a cópia integral, datada do séc. XVI, que se pode ler no MS. 643 da Torre do Tombo³.

O objectivo deste estudo é procurar responder às questões mais urgentes suscitadas pela descoberta deste novo testemunho, a saber: (i) que tipo de relação mantém com o testemunho português há mais tempo conhecido; (ii) como se configurava a versão (ou versões⁴) do romance francês do qual descendem; (iii) como se situava essa versão (ou versões) no seio do panorama conhecido do *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*. Este último propósito apenas poderá levar-nos a conclusões preliminares visto que somente existem estudos que nos fornecem visões muito parcelares da matéria em estudo, estando editados apenas alguns dos testemunhos actualmente existentes.

Com efeito, o romance que ocupa a primeira parte do ciclo em prosa da matéria arturiana, a *Estoire del Saint Grial*, conhece versões curtas, longas e mistas, das

- 1 O historial deste bifólio pergamináceo, descoberto em 1992 e dado a conhecer ao público em 2007, pode ler-se em Dias (2007); BITAGAP: <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon> (12.XII.2008).
- 2 Do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan* conservam-se, em galego-português, testemunhos datados do séc. XIV. Cfr. Lorenzo Gradín / Souto Cabo (2001). Existem, contudo, testemunhos tardios do *Livro de Merlin* (*Baladro del Sabio Merlin*) em castelhano. Cfr. Sharrer (1977).
- 3 Passamos a designar o testemunho do séc. XIII, que encaderna um documento notarial oriundo de Santo Tirso e conservado no Arquivo Distrital do Porto, pela sigla ST, e a cópia do sec. XVI da Torre do Tombo, pela sigla TT, já adoptadas em estudos anteriores. Há ainda a considerar a porção deste romance contida no ms. de Salamanca (Biblioteca Universitaria de Salamanca, Ms. 1877), já objecto de estudo comparativo por parte de Ivo Castro, que concluiu tratar-se de um testemunho aparentado com TT (Castro 1984: 360ss).
- 4 Ao contrário do que sucede com o apuramento das relações recíprocas entre testemunhos de uma dada obra, em que se impõe a noção de “texto primeiro” como uma evidência, mesmo que se saiba que a possibilidade de o atingir é remota, uma tradução é um estágio intermédio que admite várias origens, ou seja, que essa tradução tenha resultado de mais do que uma iniciativa. No caso vertente, há ainda que ter em conta informações externas que credibilizam essa possibilidade, nomeadamente as alegações contidas num manuscrito quatrocentista castelhano, segundo as quais Afonso X “por si mismo trasladó la Estoria de Ultramar de francés en castellano e fizo trasladar la *Estoria del Saindo Grial* en gallego...” (en Márquez Villanueva 2004: 117). Nestas circunstâncias, só os instrumentos da colação podem decidir se estamos perante a descendência de uma só tradução ou de várias.

quais existem vários testemunhos franceses (Ponceau 1997, I: xxv-lix). Todavia, verificámos que as versões curta e mista são as de maior utilidade para os nossos objectivos, como adiante teremos oportunidade de mostrar. Manuscritos destas duas versões constituem também a base das edições mais importantes até agora realizadas desta obra, pelo que a nossa tarefa, tendo em atenção o seu carácter preliminar, se encontra de algum modo facilitada. Referimo-nos à edição de H. Oskar Sommer, *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. I, *Lestoire del Saint Graal*, Washington, The Carnegie Institution of Washington, 1908-1916, com base no manuscrito 10292-10294, Londres, British Museum, datado do início do séc. XIV, que transmite a redacção curta da *Estoire del Saint Graal*; e à edição de Jean-Paul Ponceau, *L'Estoire del Saint Graal*, 2 vols., Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997, que tem como base dois manuscritos que transmitem uma redacção mista: Ms. de Amsterdão, Biblioteca Philosophica Hermetica (sem cota), datado do início do séc. XIV, e Ms. de Rennes, Bibliothèque Municipale, 255, datado do séc. XIII.

No que diz respeito aos testemunhos portugueses, assume-se consensualmente ter a primitiva tradução sido realizada na segunda metade do séc. XIII (cfr. Castro 1983; Miranda 1998a: 17-18). Ora, tendo em conta a sua segura antiguidade, o fragmento recentemente dado a público (ST) levanta fundadas expectativas de estar muito próximo do original dessa tradução, não sendo, à partida, de arredar a hipótese de ser mesmo, materialmente, esse original. A possibilidade de este fragmento constituir, pelo menos, parte de um antecedente do testemunho mais recente (TT) foi já expressamente defendida (Nascimento 2008).

Este último testemunho, mesmo não tendo em conta as conhecidas alegações contidas na sua extensa introdução (f. 1v), segundo as quais o seu copista terá procedido a uma sistemática actualização linguística, é uma cópia tardia, que não poderá materialmente constituir um antecedente do fragmento do Porto. É de esperar que, a par com as mencionadas intervenções actualizadoras para as quais o redactor advertiu o seu público, nele se detecte um conjunto de fenómenos de degradação textual, típicos das cópias realizadas num ambiente que já não domina inteiramente nem a *littera* nem a língua dos testemunhos medievais. Mas estes fenómenos nada dizem quanto ao seu antecedente imediato, muito menos confirmam a existência de um estágio intermediário entre si e a tradução original, sobre o qual, todavia, o seu *colofon* efabula de uma forma sobejamente conhecida⁵.

Para a concretização dos nossos objectivos, procederemos, então, a uma colação sistemática dos testemunhos portugueses com os acima referidos testemunhos franceses. A nossa análise focará também aspectos da sintaxe narrativa, das fórmulas, da ocorrência de vocabulário e das estruturas sintagmáticas registadas como marcas do processo da tradução de francês para galego-português. Também aqui não é nossa

5 Sobre o assunto, ver Entwistle (1942: 118-126), Catalán (1962: 396), Castro (1984: 92-98).

intenção apresentar um estudo exaustivo, mas tão somente detectar e comentar os factos mais relevantes que os testemunhos em colação evidenciam.

Por comodidade de exposição, dividimos os textos em catorze porções que contêm os pontos críticos mais relevantes detectados. Os testemunhos portugueses foram transcritos a partir dos respectivos manuscritos⁶.

2. Análise de texto

2.1.

ST p. 60/ll. 1-9	TT p. 163/ll. 24-31	So p. 83/ll. 12-18	Po p. 173/§282.3-16
<p>[1r][] <i>de que podya.</i> E ffezeralhe <i>hũa camara</i> [] grã jdo[.] que bem coydo[*u] que hũa cou[*ssa] terreal lhe podese achar <i>porta.</i> Entõ mãd[*ou] el-rrey fazer hũa grã <i>ffogo</i> eno paaço, ca lhe prazya de destroyr a gram traycom que tâto []a e manteuera. E quando o ffoço ffoy fecto [*m] adou que nẽhũ nõ ffose cõ ele senom <i>Nascyam e a rraynha e Josephes</i> e leuou todos [*tre]s aa porta.</p>	<p>[81v]e jazia el Rey com ela carnallmẽte e <i>vestia muy ricamẽte</i> e fez lhe hũa camara por tal sotyleza que bem cuydava que nhũa cousa terreal lhe pudesse achar <i>paar</i> quãdo el-rrey <i>ysto ouuyo</i> mãdou fazer huũa grã <i>fugueyra</i> no paço por que lhe prazia destroyr a trayção que tamto tẽpo sostyvera e quãdo ho fogo foy feyto mãdou que nhũ nõ fosse com elle senã <i>Nascyão e a rraynha</i> e levou hos todos tres e levouos a porta</p>	<p>si gisoit li rois o lui carnelmẽt et le uestoit al plus richement <i>qu'il pooit</i> et li auoit fait faire vne cambre dont il ne quidoit mie que nus hons morteus peust trouer <i>luis.</i> <i>Lors</i> prinst li rois nascien et la roine et fist alumer . j . grant <i>fu</i> en la sale car il uoloit destruire la desloiaute quil auoit maint ior maintenue . et quant il fus fu alumes si commanda que nus ne remansist el palais que seulement <i>Nascien et la roine et Joseph</i> et il si firent et il les mena a cel huis</p>	<p>gisoit li rois carnelmẽt (...) anchois i avoit fait li rois faire un <i>huis</i> si sutil ke il ne quidoit mie ke nus hom morteus le peüst aperchevoir, tant i seüst esgarder. (...) Tot maintenant apiela Nasciens, son serourge, et la roïne et si dist qu'il lor mousteroit la grant desloiaute qu'il avoit si longement menee. <i>Lors</i> commanda a faire un mout grant <i>fu</i> ens en milieu du palais; et quant il fu bien esprís, si commanda sa maisnie qu'il alaissent tout hors, si ke il ne remest en sa compaignie <i>ke Josephẽ et Joseph et Nascien et la roïne.</i> Lors les mena li rois a l'uis, qui el mur estoit seelẽs de pierre marbrine; et tout li murs estoit de diverses coulours tains.</p>

6 No caso de ST, a nossa leitura diverge de Dias (2007) em alguns pontos cujo elenco fornecemos na parte final do presente estudo, imediatamente antes das conclusões.

Confrontando o texto oferecido por ST com o que é transmitido por TT, verificamos que, no fundamental, seguem uma mesma narrativa sem variantes substanciais, o que, à partida, aponta no sentido de que descendam de uma única tradução. Todavia, notam-se fenómenos de omissão e degradação de lições, sobretudo do lado de TT. Assim, onde em TT se lê “vestia muy ricamête”, ST, conquanto num ponto em que se manifesta degradação material do testemunho, deixa perceber “...de que podya”, o que vai ao encontro da lição “al plus richement quil pooit”, que se acha em So, levando a pensar que tal lição estaria já no original da tradução que ST transmitiria, necessariamente, com mais integridade do que o testemunho lisboeta. Também na parte final deste excerto, onde ST refere a presença de “Nascyam... a rraynha ... e Josephes”, concordando com ambos os testemunhos franceses chamados à colação, TT isola-se, omitindo um dos participantes (Josephes).

Vários fenómenos de actualização linguística são ainda visíveis em TT (ST: “fogo”; So “fu”; Po: “fu”; TT: “fogueira” etc.) para as quais já Aida Dias chamou sistematicamente a atenção (Dias 2007), sendo de esperar encontrá-los num testemunho que se afasta cerca de três séculos da época em que se terá realizado o texto que copia. Na linha do que dissemos na introdução, é também em TT que se detecta um maior número de lições degradadas ou de reformulações privativas, muitas delas certamente por deficiente entendimento do antígrafo. Está no primeiro caso: “pudesse achar paar” (Dias (2007: 17), que TT transmite contra “podessa achar porta” de ST, e “peust trover huis” de So. No segundo caso, o segmento “quãdo el-rrey isto ouyo”, constante de TT, não encontra correspondência em nenhum dos outros testemunhos. Lições degradadas, reformuladas ou objecto de actualização linguística são de tal modo frequentes no manuscrito da Torre do Tombo que nos absteremos de as elencar daqui em diante.

Uma primeira abordagem permite, todavia, formular já as hipóteses seguintes: (i) os testemunhos portugueses decorrem de uma mesma tradução; (ii) essa tradução terá sido elaborada sobre um texto que literalmente estaria mais próximo da versão breve representada por So do que da versão mista transmitida por Po. Nos exemplos seguintes procuraremos averiguar se tais hipóteses se mantêm ou se devem ser reformuladas ou matizadas.

2.2.

ST p. 60/ll. 9-21	TT p. 163/ll. 31-39	So p. 83/ll. 18-22	Po pp.173-174/§283.1-13
<p>aa porta. <i>E aquela porta ssarraua ele moy [*s]otilmête. E ele, quando a ssarraua, caya hũu engenho per dentro que a sarraua. E, quando a el-rrey querya abrir, metya hũu crauo delgado per de dentro que a ssarraua. E, quando a el-rrey querya abrir, metya aquel crauo moy ssotylmente per antre as portas, ca as paredes e as portas eram pyntadas dessũu. E por esto nẽgua nõno podya entender. E despoys daua d'ũu malho ssua sarradura, ho crauo eergyasse e assy se abria. Entõ entrou el-rrey dentro e tomou[1] a lymagẽ[2] ele meesmo aa[*s] costas e deytou no flogõ todos.</i></p>	<p>a porta e aquela porta se cerraua sotylmête que quãdo a ele cerrava caya hũu ãgenho por dedentro que a cerrava e quãdo a querya abrir metya hũu prego delgado por antre as cores porque as paredes e as portas juntamête erã pyntadas e por esto nõ se podia ãtemder por omde se fechaua e despoys daua cõ hũu malho no cravo e erguyase ho ãgenho dedentro e abria se e despoys que abrio ãtroy demtro e elle mesmo as suas costas tomou ha ymage e diamte todos a deytou no fogo</p>	<p><i>cel huis qui fremoit trop soutilment que quant il le fremoit si chaoit vns engiens en maniere de bare et quant il le uoloit desfremier si i metoit vne clauete et le desfrema puis entra ens et il mismes prinist limagene et le porta el fu uoiant aus tous.</i></p>	<p><i>l'uis (...).Chil huis estoit si soutieument fremès ke, si tost com il clooit, si chaoit par dedens uns engiens de fier en guise de bare,(...) Et quant li rois le voloit ouvrir, si avoit une clavele de fier a mervelles tevene, et, si tost com il le botoit par entre les jointures des coulours par qui l'entree de la clavele estoit plus desaperchevans, tantost caoit uns engiens de keuvre en samblanche d'un mail sour la premiere bare,el chief derriere, et tantost souslevoit li chiés devant et saloit hors du croket ou la bare tenoit; et en cheste maniere entroit ens li rois, (...) si prist il meïsmes l'ymage et si la porta el fu ardent, voiant aus tous.</i></p>

A porção de texto que apresentamos em segundo lugar apresenta um conjunto mais complexo de fenómenos sobre os quais é possível afinar e precisar melhor as hipóteses adiantadas quanto à relação entre os testemunhos portugueses e entre estes e a redacção francesa que lhes esteve na origem. Por um lado, não se notam variantes substanciais entre ST e TT que possam sugerir que cada um destes testemunhos tivesse tido origem em traduções diversas e autónomas de originais diferentes. Mas, por outro lado, ST transmite uma lição específica, sob a forma de um segmento

verbal duplicado, que teremos de explicar ou por lapso repetitivo ou por tentativa de, através de um processo de redundância, tornar mais claro um enunciado que punha algumas dificuldades de entendimento. Assim, lê-se em ST “hũu engenho per dentro que a ssarraua. E quando a el-rrey queria abrir, metya hũu crauo delgado” e, logo de seguida: “per de dentro que a sarraua. E quando a el-rrey querya abrir metia aquel crauo muy sotylmente...”.

Na realidade, embora o extenso segmento verbal seja quase literalmente repetido, a ocorrência, no segundo caso, de pequenos morfemas que não se encontram no primeiro (“de dentro”), ou a alteração de um artigo (“hũu”) em demonstrativo (“aquele”) leva a pensar que houve intencionalidade na escrita e não um simples fenómeno de repetição mecânica. Aliás, ST singulariza-se neste excerto por mais algumas lições privativas, possivelmente originadas na necessidade de esclarecer um enunciado ambíguo, escrito num registo linguístico demasiado próximo do texto traduzido, havendo talvez necessidade de ajustá-lo a um modelo de sintaxe narrativa já existente. Referimo-nos ao que se lê em ST “e despoys daua d’ũu malho ssua sarradura, ho cravo eergyasse” perante “depoys dava cõ hũu malho no cravo e erguyase o egenho” de TT. Esta última lição, não tendo paralelo directo nem em So nem em Po, constitui-se todavia com elementos verbais que ocorrem nos testemunhos franceses, tais como “uns engiens” (Po), o que leva a pensar que reproduzirá melhor o que se encontrava escrito no original da tradução.

Estas observações permitem avançar algumas certezas e algumas possibilidades. Em primeiro lugar, é de pôr completamente de parte a possibilidade de ST constituir um estádio anterior de TT, já que possui erros e lições privativas que dificilmente poderiam ter sido corrigidas pelo testemunho de Lisboa indo ao encontro do que se encontraria no original da tradução. Estamos, portanto e definitivamente, perante dois ramos aparentados, mas distintos da tradição manuscrita da *Estória do Santo Graal* portuguesa e ibérica, o que, logicamente, implica também que se ponha de parte a possibilidade de ST ser em si um fragmento do original da tradução.

Esta conclusão pode ainda ser reforçada e matizada de uma forma interessante se tivermos em conta o que se passa na sintaxe das frases iniciais deste trecho. Com efeito, enquanto ST transmite “E aquela porta ssarraua ele moy [s]otilmente. E ele, quando a ssarraua...”, TT aduz “e aquela porta se cerraua sotylmente que quando ele a cerrava”, enquanto os testemunhos franceses afirmam: “huis qui fremoit trop soutilement que quant il le fremoit” (So), “Chil huis estoit si soutieument fremés ke, si tost...” (Po).

Torna-se visível que a ligação entre as duas proposições é feita no original francês por intermédio da conjunção “que”, apenas mantida pela versão da Torre do Tombo que, desse modo, representa a lição mais próxima do original da tradução. Tentando ajustar a frase a outros hábitos da sintaxe narrativa, possivelmente mais conhecidos e divulgados nos meios onde esta cópia foi realizada, ST substitui a conjunção

consecutiva “que” por uma coordenativa “e”, afrouxando os nexos de subordinação já presentes no original da tradução.

Assim, cremos que, uma vez mais, se confirma a impossibilidade de ST constituir um estágio intermédio entre o original da tradução e TT, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de considerar que as cópias desse original (ou o original e uma das suas cópias) poderão reflectir hábitos de escrita literária diversos, mesmo quando efectuados dentro de um arco cronológico relativamente estreito.

Por outro lado, embora, neste excerto, os textos portugueses tenham início de uma forma literalmente próxima da versão breve contida em So, vão seguidamente incorporar matéria que está omissa nessa versão (as referências às cores e às portas), mas presente na versão mista de Po. E aqui é TT que apresenta mais consistência, verificando-se em ST confusão entre “cores” e “portas”. Todavia, nem por isso a versão portuguesa, presente em TT, passa a aparentar-se literalmente com a que se lê em Po, muito mais extensa e detalhada, diremos mesmo “retoricamente amplificada”. A versão da *Estoire del Saint Graal* que está na base do original da tradução portuguesa parece caracterizar-se por uma brevidade semelhante a So com alguns desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma muito mais detalhada, em Po.

2.3.

ST p. 60/ll. 21-28

Despoys que
ffoy queimada,
disse el-rrey que
uerdadeyramête
era Deos[3] de
gram poder, que tal
uõotade lhe dera,
ca el nõ coydaua
que iamays ende o
sseu coraçom dela
podesse partyr.
Dessy conheceu
sseu pecado dante
todos aqueles
que estauã com
ele e todos sse
marauylhauã, ca
nũca oyrõ falar de
tam estranha cousa.

TT pp.163-164/
ll.39-5

e deploys que
foy queymada
dysse el-rrey que
verdadeyramête
Deos era de grã
poder poys tal
vomtade lhe dera
que ele nõ cuydaua
que jamays ẽ seu
coraçã podesse
ẽtrar e deploys
diamte de todos
hos que hy estaũa
conheceo seu
pecado e todos
se marauylharã
que nunca de tã
estranha cousa
ouuyra falar.

So p. 83/ll. 21-26

et quant ele fu arse
si dist li rois que
uoiement estoit
Jhesu Cris[t] de
grant pooir qui
tel corage li auoit
enuoie car *il ne
quidoit mie quil
en peust iamais
estre ostes*. Apres
conut il misme
ses pechies si que
tout loient si en
orent moult grant
merueille car il
nel quidoient mie
ne onques mais
nauoient oi de tel
cose parler.

Po p. 174/§283.
13-19

Et quant ele fu
toute arse, et la
reube ke ele avoit
vestue et li fust
dedens, si dist li
rois ke mout estoit
de grant pooir
Nostre Sire, qui
chest corage li
avoit enuoiet, car
*il ne quidoit mie ke
jamais ses cuers
en peüst estre ostes*
par nule paine.
Apriès counut il
meïsme son pechié,
si ke tout l'oièrent,
si s'en mervillierent
mout durement, car
il n'avoient onques
mais de tel pechié
oï parler.

Neste segmento, a narrativa contida nos testemunhos peninsulares da *Estoire del Saint Graal* coincide. Todavia, embora os testemunhos portugueses transmitam literalmente a lição francesa deste segmento narrativo, observa-se que ST e TT apresentam alguma dificuldade em encontrar a equivalência para a estrutura verbal “estre ostés”, fazendo-o de um modo diferenciado. Ou seja, enquanto ST transmite “el nõ coydaua que iamays ende o sseu coração dela podesse partyr.”, TT nota “ele nõ cuydaua que jamays ã seu coraçã podesse êtrar”. Os testemunhos franceses registam: “il ne quidoit mie quil en peust iamais estre ostes.” (So), “il ne quidoit mie ke jamais ses cuers en peüst estre ostés” (Po). Embora não se mantendo fiel à letra de nenhuma das versões francesas, ST produz um sentido convincente e próximo, enquanto TT, procurando corrigir “partyr” em “êtrar”, se afasta mais ainda do sentido original.

No segmento destacado, repara-se, também, na ausência do sintagma nominal “o sseu coração”, na versão breve So, enquanto a redacção mista Po o contém e os testemunhos portugueses também o registam. Esta observação confirma a ideia segundo a qual ST e TT terão tido origem numa versão da *Estoire del Saint Graal* caracterizada por alguns desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma muito mais amplificada, em Po.

2.4.

ST pp. 61-62/ll.
13-31

Entõ sse partyrom deles e *eles* tornarõsse coydaudo e chorãdo como aqueles a que ssemelhaua que o auyã por toda guissa perdydo. Assy se ffoyy Josephes e ssua cõpanha pelo encomẽdamẽto de Jhesu Christo, m□a□ays [4] de ssuas jornadas e de ssua ssayda nõ deuyssa mais o cõto, *ante quer ffalar d’el-rrey Mordaõ* e de ssua companha. Aquy dyz o conto que

TT p. 164/ll. 15-26

ẽtam se partyo deles e *eles se tornarã muito chorãdo e sospyrãdo* como aqueles que lhes parecyã que pera s[e]mpre ho vyã perdido asy se foy Josefes e sua c[o]mpanha por ho mãdamẽto de Jhesu Cristo mas hora ho comto nõ comta de suas jornadas amtes torn[a] a fãlar del rrey e da sua cõpanha. CAP. L ta biij DA VISÃO QUE EL REY Mordaõ vyo e do que passou cõ cuydar Nascyão.

So pp. 83-84/ll.
35-9

Atant sen torna daus et *chil sentornerent moult pensif* comme chil a qui il estoit auis qui auoient *le tout perdu pu[i]s quil sen aloit*. Ensi sen parti Josephe et sa compaignie de la cyte de Sarras. mais *de lor iournees ne de lor oirre* ne parole plus ichi endroit lestoire achois *retourne a parler del roy Mordrain* et de sa compaignie qui *remestrent en la cyte de Sarras*. Chi endroit dist li contes que quant li

Po pp. 174-175/
§285.9-§286.6

Atant s’en parti d’aus; et *chil retournerent mout pensieu et mout ploureux*, comme chil qui il sambloit ke tout eüssent pierdu, *puis ke Josephés s’en aloit*. Or s’en va Josephés et sa compaignie par le plaisir et le commandement Nostre Signour. Mais *de toutes lor jornees ne de toutes lor aventures* ne de chascun lieu ou il herbergierent ne parlera pas li contes chi endroit, anchois *tourne la droite voie de l’estroire*

despoys aquela
noyte que rrey
Mordaym
jouue es sseu leyto
quaeu ã ele m[o]y
gram pesar, assy que
nẽgũu nõ podya dele
sacar [5] ffala. Em
aquele pesar durou
muyto e *sospirou e
chorou moy muyto*,
assy que a rraynha
que jazya cabo
dele ffoy ende moy
maraujlhada, mays
nõ lhe pôde tanto
preguntar por que
choraua que lho ele
quisesse dizer

Ora diz a estor[e]
a que aquella noute
depoys que el-rrey
Mordão jouuve ã
sua cama cayou ã
ele muy grã cuydar
asy que nymguẽ
podia dele tyrar fala
e naquele cuydar
*durou muito e
sospyrrou e chorou*
de sorte que ha
rraynha que a cab[o]
dele jazia foy muy
maravylhada e nõ
lhe pode tamto
perguntar por que
chorava que elle lho
quysese dyzer

rois Mordrains se
fu couchies chele
nuit en son lit quil
chai en . j . moult
grant pense ou quel
il demoura moult
longement . si
*souspiroit et plouroit
mout durement* si
que la roine qui
dales lui gisoit en fu
toute esbahie . Mais
ele ne li sot tant
enquerre que il riens
li en uoloit dire

sour le roi
Mordrain et sour sa
compaignie qui son
*remès en la chité de
Sarras*. Chi endroit
dist li contes ke la
nuit ke li rois fu
couchiés en son lit,
si chai en une grant
pensee, dont il fu
tant forment pensis
que il n'estoit nus
qui de lui peüst
parole traire. En cel
pensé demoura moult
longhement en tel
maniere dont vous
avés oï et si *plouroit
si durement des iex
et souspiroit* del
cuer ke la roïne, qui
delés lui gisoit, en
estoit toute esbahie.
Mais ele ne li pooit
tant enquerre ke il
l'en vausist nule
riens enseigner

Nesta porção de texto, verifica-se um conjunto de fenómenos relevantes para a relação entre os testemunhos da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* e entre estes e as redacções francesas em colação. Assim, veja-se: (i) ST: “de ssuas jornadas e de ssuas ssaydas”, TT: “de suas jornadas”, enquanto os testemunhos franceses colacionados notam: “de lors journees ne de lor oirre” (So), “de toutes lor journees ne de toutes lor aventure” (Po); (ii) ST: “sospirou e chorou moy muyto”, TT: “sospyrou e chorou”, enquanto os testemunhos franceses apresentam: “souspiroit et plouroit mout durement” (So), “plouroit si durement des iex et souspiroit” (Po). Em ambos os casos ST reproduz mais fielmente o original francês, apresentando mesmo soluções de tradução estilisticamente relevantes, e esse original estaria mais próximo de So do que de Po.

Por outro lado, embora, neste passo, como já vimos nos anteriores analisados, os testemunhos portugueses pareçam aproximar-se literalmente da redacção breve da *Estoire del Saint Graal* contida em So, vão inserir elementos verbais que se encontram ausentes nesta versão, registando-se antes na versão mista contida em Po, como se observa no caso seguinte: ST: “eles tornarõsse coydando e chorãdo”, TT: “tornarã muito chorãdo e sospyrãdo”, Po: “retournerent mout pensieu et mout ploureus”, So: “sentornerent moult pensif”.

ST singulariza-se, neste excerto, por uma leitura divergente da estrutura verbal “retourne a parler del roy Mordrain” (So) / “torne la droite voie de l’estoire sour le roi Mordrain” (Po), dos testemunhos franceses, registando “ante quer ffalar d’el-rrey Morday”, enquanto TT contém a boa lição: “antes torn[a] a falar del Rey”. Neste ponto, ST inova já que a estrutura “torna a falar” é frequente na prosa arturiana, traduzindo convenientemente “(re)torne a parler”.

Além disso, da colação entre os testemunhos portugueses entre si, e com as redacções francesas apresentadas, ressalta um conjunto de omissões nos primeiros. Assim, repara-se nos segmentos seguintes: (i) “pu[i]s quil sen aloit” (So) / “puis ke Josephés s’en aloit.” (Po); (ii) “qui remestrent en la cyte de Sarras.” (So) / “qui son remés en la chité de Sarras.” (Po), que se encontram ausentes nos testemunhos portugueses. Esta observação conduz-nos à hipótese de estarmos perante dois testemunhos do mesmo original da tradução portuguesa cujo original francês não mencionaria os respectivos segmentos narrativos.

2.5.

ST p. 62/ll. 31-33	TT p. 164/ll. 27-29	So p. 84/ll. 9-11	Po p. 175/§286.6-8
nẽ ela nõno ousaua ende a fforçar, ca ele era o rrê [6] do mûdo que m(a) ys [7] dultaua ca ssenpre ffora brauo.	nẽ ella nõ ousaua deho muito [82v] forçar que elle era ho homẽ do mûdo que ela mays duuydava por que sempre fora cruel	ne ele ne li en uolait esforcier outre sa uolente. car il auoit este moult crueus et mout fiers si le doutoit mout.	ne ele ne l’en osoit enforchier contre sa volenté, car il li avoit esté mout fiers et mout crueus: si doutoit mout son mautalent et son courous.

Mais uma vez, da comparação dos testemunhos portugueses com os franceses neste segmento narrativo, nota-se que sobressai nos primeiros um fenómeno de reformulação nominal. Assim, onde em ST se lê “o rrê do mûdo” e em TT: “ho homẽ do mûdo”, os testemunhos franceses referem-no apenas com o pronome pessoal “il”. Desta observação decorre a confirmação de que ST e TT constituem dois testemunhos do mesmo original da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, transmitindo ST uma lição que correspondia a uma fórmula corrente no galego-português⁷, mas que não devia ser já compreendida pelos redactores do séc. XVI, que se viram, assim, na necessidade de a alterar.

7 Ocorrem exemplos no *Livro de Galaaz (A Demanda do Santo Graal)*. Veja-se Nunes (1995: 53, 113).

2.6.

ST pp. 62-63/II.
1-28

[1v] Assy ffoy el-
rrey [*acor]dado
até [...] [
[*a]dormeceo [...] hũa [...] [...] [...] [...] en [...] [...]me. *Entô querya ffarlar* [...] [...]do [...] na [boca] e uy[*u] [...] [...] ysto e derrybaua[*o] [...] messa [...] ffilhauao e [...] na boca [...] hũu toruon soprãdo tâ de [...] que [...] e leuauao a [...] moy estranho logar [...] [...] e tragyalhe cada dya do cordeiro [...] [mã] gares *que o sseu cora* [*com] [...] [...] despoys[8] ujnha hũ lobo [...] força quanto lhe o cor[*r]deiro [...] que lhe nõ ficaua senõ [...] nõ bẽ assy que aas [*uezes] morya de ff[*ame] [...] quando el uya que o [*lob]o lhe roba[ua] [...] assy pẽssou que era mal [...] lho sofrya. E disse [*que] sse combaterya cõ [...] dya [...] se [...] grã [...] fugyu ho lobo, que o [...] despoys tolheu sseu [...] [...]

TT pp. 164-165/
II. 29-8

nasy esteve el-rrey a meya noute ã seu pensamẽto ãtão adormeceo cõ camscacyo de seu cuydar e vyo huã maravylhosa vysão por que lhe pareceo que estava ã seu paço e que tynha hũa gramde corte ha que vynhão todos hos da terra e que saya de hũu ryco cadafal[so] e emtrava ã seu paço e asemtavase a comer e tamto que querya tomar ho prymero bocado pera meter na boca vynha hũ corisco e deribavao na mesa e ele ho tomava e ho querya meter na boqua e vynha hũ toruão soprãdo tam rijo que ho tomava e ho levava a huũ muy estranho lugar *homde numca nhũ morava nẽ vyvera* e hy vynha a ele cada d[y]a hũ cordeyro que lhe trazia todos hos boõs mãjares *que seu coração podia cuydar* depoy vynha hũu lobo e por força tyrava todo quãto lhe ho Agnho trazia asy que lhe nõ ficava senã ho ã que [s]e mãtynha e nã bem asy que as vezes avya fame e quãdo

So p. 84/II. 11-26

Ensi fu li rois en dolor et en paine tant quil fu bien mienus . Et lors auint il cose quil sendormi de la lasete du pense. et ensi comme il se dormoit entra il en . j . moult perilleus soigne car il li estoit auis quil tenoit en . j . palais vne cort mout grande . A chele court uenoient tout li cheualier del pais et toutes les dames de la contree . si li estoit auis quil estoient uenu del moustier et estoit entres en son palais et se seoit al mangier . et ensi comme il prenoit le premier morsel por metre a sa bouce si li descendoit vns foudres du ciel et le faisoit ius uole . et il le repret et le remet uers sa bouce de recief et lors reuenoit vns estorbillons si lenportoit en vn mout estrange lieu . et illuec uenoit a lui cascun iour vns lions qui la apportoit toutes les boines uiandes del monde et apres uenoit vns leus qui lui retoloit si quil ne li remanoit fors sa

Po pp. 175-176/§286.8-§287.21

Ensi fu li rois en dolour et en mesaise de pensẽ tant ke bien pot estre mienuis. Et lors si avint chose qu'il s'endormi pour le lasseté del pensẽ qui li avoit grevé. Ensi com il fu endormis, si entra en un mout perilleus songe, car il li estoit avis en son dormant ke il tenoit en la chité de Sarras une court mout riche et mout honeree. A chele court venoient tout li chevalier et toutes les dames de la contree. Et quant il estoit issus hors d'un mout riche moustier ke il n'avoit onques mais veũ, si entroit en son palais et s'aseoit au mangier si richement et si biel com il est drois et coustume de roi. Ensi com il estoit assis a son mangier et il prenoit le premier morsiel pour metre en sa bouche, si descendoit uns effoudres del chiel et si li faisoit voler son morsiel hors de sa main et sa courone chaoir jus de son chief a la terre. Et quant il

elle vya que ho
lobo lhe tyrava
todo asy cuydou
que era mao por
que ho sofria e dyse
que se combat[ery]
a cõ ele e tamto fez
que se combateu
com elle hũu dia e
vêceo grão trabalho
asy fogio ho lobo
que depouys nõ lhe
tyrou cousa de seu
mamjar

soustenance et ce
asses purement
et quant il uit que
li leus li toloit ensi
si sapensa quil se
combateroit a lui
tant quil auint a . j .
ior quil se combatit
au leu et le uenqui a
moult grant paine et
lors sen fui li leus
ne onques puis ne li
toli de sa uiande.

voloit relever sa
courone, qui a terre
gisoit, et il le voloit
remetre en sa teste,
si le prenoit uns
grans estourbillons
de vent et si
l'enportoit en un
estrange lieu, mout
loing. En chel
lieu demouroit
mout longement,
che li estoit avis,
et si venoit a lui
chascun jour uns
aigniaus et uns
leus. Li aigniaus li
aportoit toutes les
boines viandes et
toutes les riches du
monde; et li leus
l'en toloit tant ke
il ne l'en remanoit
ke seulement sa
soustenance, a
mout grant poverté.
En la fin, quant il
veoit ke chil leus
le reuboit en tel
maniere, si se pensa
ke il ne li soufferoit
plus, anchois se
combateroit a lui.
Tant fist ke il se
combati un jour et
ke il le venqui a
mout grant paine.
Ensi s'en fui li leus,
c'onques puis point
de sa viande ne li
toli.

Esta porção de texto de ST, embora muito danificada, permite configurar a narrativa a partir do texto integral transmitido e conservado no testemunho da Torre do Tombo e encontrar, desta forma, fenómenos de divergência entre ambos os testemunhos e a ocorrência, em cada um deles, de lições privativas: ST apresenta a lição “Entõ querya ffalar” que não encontra correspondência nos outros testemunhos colacionados e TT nota o segmento “homde numca nhũ morava ne vyvera” que, também, não encontra paralelo nos outros textos confrontados. Estas lições confirmam, uma vez mais, o facto de que ST não representa um texto intermédio entre o original da tradução e o

texto transmitido por TT, mas um ramo distinto da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal*. Por outro lado, a estrutura frásica “que seu coração [podia cuydar]” de ST e TT, ausente nos testemunhos franceses colacionados, corrobora de novo a hipótese de que os testemunhos portugueses derivem de uma mesma tradução.

2.7.

ST p. 63/ll. 29-35

Despoys [...] [**sseme*]lhoulhe que achua a ssua coroa [...] que era canbada e que a poynha [**na cabe*]ça. E [**uy*]a seu sobrynho e o [...] e que hũa aue que ssemelhaua agea o leuaua aalem [...] a hũa *mõtanha moy estran[*ha]* [...] aly a que [...] e poynha y [...] *toda gente da terra*

TT p. 165/ll. 8-14

depoys desto lhe pareceo que achaua sua coroa mas que era trocada e que a metya na cabeç[a] e vyase sobyr no ar e que huã ave que lhe pareceya aguya [83r] ho levava alem mar ahũa *momtanhosa terra e estranha* e a ave ho punha aly e vynha a *gête da terra* e homylhauase e avya cõ ele grã prazer

So p. 84/ll. 26-31

Après ce li estoit auis quil trouoit sa coroune mais ele li estoit cangie et quant il lauoit mise en sa teste si uit .j. *sien neuue* que vns oisiaus enportoit outre la mer en vne *estrayne terre* et illuec le metoit ius et si tost com il lot mis ius si uenoient *toute la gent* et lenclinoient et quant il li orent faite si grant honor

Po p. 176/
§287.22-§288.6

Après li estoit avis ke il trovoit sa courone et, quant il le voloit metre en son chief, si le trovoit toute cangie, (...) Et quant il l'avoit mise en sa teste arriere, si veoit il *un sien neuue, qui estoit fix* *Nascien, son serourge*, ke uns grans oisiaus en samblanche d'aigle prenoit et si l'enportoit, voiant ses iex, outre la mer en une mout *estrange terre*. Illuec le metoit *l'aigle* jus; et quant il estoit a terre, si venoient *toutes les gens du pais*, si l'enclinoient et venoient tout et toutes environ lui. Et quant il li avoient tout encliné et grant joie faite

Em relação a este segmento narrativo, destaca-se, nos testemunhos peninsulares, a referência à orografia do terreno. Assim, TT regista: “momtanhosa terra e estranha”, ST: “mõtanha moy estran[*ha]” (Dias 2007: 168), enquanto os testemunhos franceses aduzem: “estrayne terre” (So) / “estrange terre” (Po), confirmando-se, uma vez mais, a proximidade entre ST e TT que fica uma vez mais estabelecida. Já outra questão igualmente interessante é saber se essa lição remonta ou não ao original francês a partir do qual se realizou a tradução, visto que essa geografia montanhosa pode corresponder a um episódio específico do ciclo em que a *Estória*

dormya e tamto lhe
durou que foy per
todo dia e quãdo
acordou muito
se maravyllhou
daquela maravyllha
que vyra e a
rraynha cuy[d]
ou por que el-
rrey asy cuydara
e por amanhã
a levamtouse e
foy choramdo
pera a cama dôde
Nascyã jazia que
por mãdado del
rrey hy vyera e
quãdo Nacyã asy
avyo chorar ouue
dyso grã pesar
que muyto amava
e tom[a]va ã seus
braços [83v] e
pergumtou lhe que
avya e ella lhe [c]
omtou todo e dyse
irmão eu ey grã
medo daquele
cuydar del rrey
hymão por Deos
vos rogo que
vos lhe vades
pergumtar que he
que grã sabor hey
deho saber

si sesmerueilla
mout de cel soigne
et pensoit en quel
maniere il poroit
savoit que ce
senefioit et la roine
fu moult esbahie
de ce que ses sires
estoit en si grant
pense si se leua
et sen vint au lit
Nascien son frere
tout plorant . et
quant Nascien le
uit si en fu moult
esbahis car il lamoit
de mout grant
amor. si la prinst
entre ses bras et li
demanda porcoi ele
ploroit et ele li dist
biaus dous freres
iou me dout mout
de mon signor quil
ne soit cheus en
maluaise pensee
por Dieu leues
sus et li ales
demander que li
a car volentiers le
sauroie.

longement li dura
que il fu mout
pres du jour. Atant
s’esvilla li rois
mout esbahis et
mout trespensés
de chele merveille
ke il avoit veüe. Et
la roïne, qui bien
l’avoit veüe pensieu
et coureché toute
nuit, si fu mout
espoentee (...), si
ala tantost au lit
Nascien, son frere,
mout souspirant et
plourant durement.
Et quant Nasciens
le vit plorer, si fu
mout esbahis, car
il l’amoit mout
coreument, si le
prist entre ses bras
et si li demanda
mout (...) “Biaus
dous frere, dist ele,
pour che criem
jou qu’il ne soit
cheüs en mauvais
pensé. Et je vous
pri et requier pour
l’amour del haut
Signour, a la qui
creanche vous vous
estes dounés, ke
vous alés a lui et
si li demandés un
don; et quant il
vous ara creanté
sour sa creanche a
doner le don....”

Neste excerto, embora muito danificado, ST conserva um segmento narrativo substancial que nos permite concluir que se trata de uma leitura singular do lado dos testemunhos portugueses, uma verdadeira interpolação, que visa especificar os laços de parentesco que unem Mordaim a Celidones. Ora, o meio português era particularmente sensível às questões da organização familiar, tendo a redacção do primeiro livro de linhagens (cfr. Mattoso 1999) ocorrido na mesma época em que é possível situar a tradução de vários livros de matéria arturiana (cfr. Miranda 1998a: 7-19). Nestas condições, somos levados a pensar que se trata de uma interpolação

produzida no acto da tradução. Do ponto de vista textual, a sua ocorrência em ambos os testemunhos não deixa dúvidas sobre o facto de estes terem origem no mesmo original da tradução.

2.9.

ST p. 64/ll. 1-11	TT p.170/ll. 4-11	So p. 89/ll. 4-9	PPo p. 187/§304.1-7
[2r] t[.] [g] [.] [...] [...] onde ñ pode ho[*mẽ] [...] [*n] aue ñ ousa [...] parte podyã [...] [*estre]yto de Ssi[u]jlha [...] [...] cordes [...] [...] E en toda aquela [...] [...] hũu [...] dia [...] [esto] [...] [...] esto. E [.] [tanben] [...] [.] pendido [...]	[87v] aquela pena estava naquela parte por homde passã de Babylonya pera Escocya e pera Yrlamda e pera as outras ymsolas de hocydemte aly estava aquela pena que era tam alta que hera maravylha e de huã parte do mar docydemte homde nom pode achar terrã que nhuã nao nom ousa de passar la e da outra parte podia bem ver ho mais do mar do <i>estreyto</i> de <i>Sevylha</i> aquella pena era tã alta como vos ouydes	et cele roche estoit dedens la mer occeane. Et en cele partie ou li trespas de la mer de Babilone est et cele d'Escoce et d'Irlande . et es autres parties doccident la est roce qui estoit tant haute que on ne pooit ueoir toute la meir dune part . et dautre part pooit on veoir la terre de <i>cordes</i> . Cele roce estoit tant haute comme ie vous di	Chele roche, si est assise en la mer Occeane, en ichele partie ou li drois trespas est a aler de la terre de Babiloine en la terre d'Escoche et d'Islande et es autres parties d'occident. En che trespas est chele rocheet si est de si tres grant hauteche ke on en peut sourveoir toute la mer d'Occident jusc'a ichês lieus ou terre puet estre trovee, et de l'autre part, a destre si comme devers galerne, en puet on veoir la terre de <i>Cordres</i> et toute la fin d'Espaigne. La roche est de tel hauteche com vous avês oï

Este segmento narrativo, embora muito danificado em ST, contém um elemento substancial da narrativa (“cordes”) que permite concluir que a lição transmitida por este testemunho é mais fiel ao original da tradução portuguesa do que o texto transmitido pelo testemunho quinhentista. De notar, ainda, nova lição privativa dos testemunhos portugueses, certamente introduzida no processo de tradução, na referência ao “[estre]yto de Ssi[u]jlha (ST); “estreyto de Sevylha” (TT).

2.10.

ST p. 64/ll. 12-22

Diz o cōto que el-rrey Mordañ cato[*u] [...] [...] [...] se nõ [...] [...] [...] el-rrey [...] equanto [...] [...] que achou hũu ca[*minho] que [...] coua [...] nõ [há] [...] que hy [...] que nõ achaua rrem cõ que lhe [*prou] gesse e comêçou a pensar e pẽsou *ẽ sseu coraçõ* [*que] auja todo [...]

TT p. 174/ll. 31-39

[91r] Diz o comto que el-rrey Mordaym oulhou derredor desye nom vio de nenhuã parte [92v] do mundo omde ouvese que comese que a pena era muy esquyro lugar el-rrey amdou por aderrador da pena emquamto por ela pode amdar e achou hũ camynho que hya direyto a cova e quamdo veo ha emtrada vio a tam escura que nom avia cousa per que hy emtrase e quamdo vio que nom achava com que lhe aprouve *se asemtou* se e começou a cudar e cuydou *em seu coraçam* que hagora avia todo perdido

So pp. 93/ll. 8-16

Chil endroit dist li contes que li rois Mordrains fu portes en cele roche qui moult estoit haute sauuge . Et quant il i fu mis si esgarda entour lui si ne uit fors mer et ce misme de terre quil i auoit estoit moult hideuse a ueoir . et il ala tout entour le siege de la roce tant com il pot trouver uoie . et quant il uint a l'entree du sentier qui aloit a la caue si le uit si noire et si hideuse quil ni entrast por nule rien du monde . Et quant il uit quil ni auoit nul confort si commencha a plorer et a penser mout durement et dist certes ore ai iou trop perdu

Po p. 197/
§319.1-13

Atant se taist ore li contes de Pompee et si retourne au roi qui est en la roche mout esbahis et mout trespensés de che qu'il ne savoit ou il estoit ne en quel maniere il i estoit venus. Il esgarda entour lui: il ne vit nule riens fors mer et chiel, dont nule garisons li peüst venir ne nule soustenanche. La roche fu haute et en salvaige lieu; et tant d'abitacle com il i avoit, si estoit lais et escurs. Il ala entour le siege de la roche, tant com il peut trouver voie, et tant qu'il entra el sentier caupé qui menoit a la cave; et quant il vint a l'entree, si le trova si laide et si noire ke il n'entrast dedens pour nule riens. Et quant il vit ke il ne troveroit nul confort, *si s'asist* et commencha mout durement a souspirer du cuer et a plourer des iex de la teste et commencha a penser *en son cuer* ke ore avoit il tout pierdu

A parte final desta porção de texto apresenta uma série de fenómenos de omissão. O texto lisboeta e a versão mista francesa registam a forma verbal “se asemtou”, ausente em ST e em So. Observa-se, pois, que TT mantém a lição completa do segmento verbal face à sua ausência em ST. Também na parte final deste excerto, os testemunhos peninsulares e, entre os testemunhos franceses colacionados, apenas a versão mista Po notam o segmento nominal “ë sseu coraçõ” (ST) / “em seu coraçam” (TT) / “en son cuer” (Po). Tal conjunto de aspectos textuais corrobora, por um lado, a hipótese de que a versão francesa que está na base da tradução portuguesa contenha matéria omissa na versão breve So, mas presente na versão mista Po; e, por outro, uma vez mais que ST não é uma versão intermédia entre o original da tradução e TT.

2.11.

ST pp. 66-67/ll.
1-14

[2v] El-rrey lhe disse se [*que] rya fficar ou sse se querya yr.
“Como, disse [*ho]omẽ[9] boo da naue, nõ ás tu toda tua crença em Jhesu Cristo?”
E el lhe dise que uerdadeyramẽte a auja hy toda. “Ora ssabe tu bem, dysse ho omẽ bõo, *que Lhe nõ esquecerás, ca Lhe nõ ef.] [.] quem se a Ele tẽ. E quãdo o hom[*ẽ] se esmaya[10] ent[õ] he fflora de crença ca[11] quando Deos[3] ama o homẽ de todo coraçõ, entõ he dereyty trazõ que o ome[12] nõ aja cuyra[13] d’outra coussa, ca mays o ama Deos[3] que se ele poderya amar.*

TT p. 175/ll. 28-37

[93r] e el-rrey lhe preguntou se querya haly ficar se querya yr
como dise ho homem bom da na[o] nam as tua forca [sic] em Jhesu Cristo e ele dise serto verdadeyramente eu hey hy todo meu bem ora sabe tu bem dise ho homem *que lhe nom esqueceras que lhe nom esqueçem quem se a ele chega* e quãdo ho homem desespera emtam *he fora de fe e quando Deos amaa o homem que se a ele chẽga de* [93v] *todo coraçam* emtam he direyto e rezõ que homem nam aja cudado de outra cousa que mais ho ama Deos do que ele se pode amar

So p. 94/ll. 9-16

Et li rois demanda au boin homme sil remandroit illuec ou sil sen iroit . et comment fait li hons de la neif en as tu toute ta creance en Jhesu Crist . et il dist que uoirement li a il toute dont saces tu bien fait il *quil ne te metera ia en oubli*. Ne ia ne *sesmait* li hons *qui fors est en sa creance* . Car *Diex aime miex lomme qui a li se tient* que li hons misme se saime . dont est il bien drois que li hons ne prenge ia cure de riens quil li couiegne ains sen tiegne du tout a Dieu car *Diex laime plus* quil ne se poroit misme amer.

Po p. 199/
§321.15-§322.10

Et li rois li demanda conseil comment il le feroit, se il remanroit en chore illuec ou se il li looit que il s’en alast. “Coument? dist li hom de la nef. Dont ne dis tu ke tu as ta creanche toute en Jhesucrist?”
Et li rois respondi ke uoirement creoit il de tout en tout en Jhesucrist. Et li hom de la nef li dist: “Or saches tu donques de voir *ke il ne t’a mie mis en oubli, car il n’oubliera ja nului qui a lui s’atende (...)* Et la ou li hom s’esmaie de nule chose qui li conviegne, la te di jou pour verité ke il est hors de creanche, *car, plus ke il a mis et le*

ST pp. 66-67/ll.
1-14

TT p. 175/ll. 28-37

So p. 94/ll. 9-16

Po p. 199/
§321.15-§322.10

*cors et le cuer
de tout en tout
en la creanche
Damedieu, dont
est il bien drois ke
il s'atende a lui de
toutes les choses
(...) Dont est il bien
raisons ke li hom
ne prengne sour soi
nule cure de che
ke lui convenra,
mais a chelui en
laist convenir qui
plus l'aime ke il
meïsmes ne se
porroit amer ne
tenir chier.*

Comparando o texto transmitido por ST com o de TT, verifica-se que ambos apresentam a mesma sequência narrativa. Assinalam-se, todavia, divergências por omissão. Assim, ST transmite: “que Lhe nõ esquecerás, ca Lhe nõ e[.] [.] quem se a Ele tẽ. E quãdo o hom[*ẽ] se esmaya ent[õ] he ffora de crença”, e TT regista “que lhe nom esqueceras que lhe nom esquecem quem se a ele chega e quando ho homem desespera emtam he fora de fe”. Pelo seu lado, Po nota “ke il ne t’a mie mis en oubli, car il n’oubliera ja nului qui a lui s’atende (...) Et la ou li hom s’esmaie de nule chose qui li conviegne, la te di jou pour verité ke il est hors de creanche”, enquanto So apresenta um segmento mais abreviado “quil ne te metera ia en oubli. Ne ia ne sesmait li hons qui fors est en sa creance”.

Deste confronto ressalta, uma vez mais, que os testemunhos peninsulares transmitem o mesmo texto da *Estória do Santo Graal* e que a aproximação dos testemunhos portugueses à versão mista se revela apenas em alguns aspectos vocabulares e sintácticos, mas que se apresenta muito longe da versão extensa que se pode ler em Po. Na mesma linha parece situar-se o segmento nominal “de todo coraçõ” (ST) / “de todo coraçam” (TT) que não encontra paralelo directo em So, enquanto em Po se apresenta a lição “le cors e le cuer de tout en tout”.

Também relevante se mostra o exemplo seguinte de omissão em ST “quando Deos ama o homẽ de todo coraçõ”, enquanto TT nota “quando Deos amaa o homem que se a ele chẽga de todo coraçam” e os testemunhos franceses apresentam a lição: “Car Diex aime miex lomme qui a li se tient” (So) “car, plus ke il a mis et le cors et le cuer de tout en tout en la creanche Damedieu dont est il bien drois ke il s’atende a lui” (Po). Torna-se claro que é a vez de TT reproduzir melhor a lição que estaria presente no original da tradução, dando razão à máxima: “ulteriores non sunt deteriores”.

2.12.

ST p. 67/ll. 23-28	TT p.176/ll. 5-8	So p. 94/ll. 21-27	Po p. 200/§322. 19-27
E por esto podes tu ssa[*b]er que aquel que esto coyda que non há de [*cr]ença nã punto. <i>E por esto te mãda [] [...] coraçõ sseia de todo [en] Deos[3] e El [*p]êserá de ty e de totalas coussas e d'al nõ te trabalhes.</i>	(...) e por ysto podes tu saber que aquele que ysto cuida nom tem hũ pomto de fee <i>por esto te mamdo que todo teu coraçam seja em Deos e ele pemsara de ty e de todas tuas cousas e de al nom te trabalhes</i>	(...) et par ce puet on prouer et connoistre que cil qui ce dist na de creance ne tant ne quant . <i>ains est pires que li popelicans. Mais Salemons qui sauoit outre ce que nature ne puet donner a homme mortel dist a son fil . garde quelconques lieu que tu soies que ades soit tes cuers et tes pensers a . j . Dieu, si laisse Dieu conuenir de toi et de toutes ne ia ne tentremetes autrement . car tu feroies comme fols.</i>	Et par che poés savoir et counoistre ke chil qui est en chest pensé n'a de creanche ne tant ne quant, <i>anchois est pires ke uns publicans. "Mais savoirs, che est Salemons, qui eut de sapiense outre chou ke nature ne puet doner a nul home mortel. Chil en dist a son fil, (...) et seelé dedens ton cuer: garde ke tu laisses tous jours Damedieu convenir de toi et de toutes tes choses ne ja autrement ne t'en entrement."</i>

Colacionando o texto transmitido pelos testemunhos portugueses e o registado nas redacções franceses, verifica-se que, na parte final, os primeiros oferecem uma lição resumida. Assim, ST transmite: “E por esto te mãda [] [...] coraçõ sseia de todo [en] Deos e El [*p]êserá de ty e de totalas coussas e d'al nõ te trabalhes.” e TT: “por esto te mamdo que todo teu coraçam seja em Deos e ele pemsara de ty e de todas tuas cousas e de al nom te trabalhes”, enquanto os testemunhos franceses registam: “ains est pires que li popelicans . Mais Salemons qui sauoit outre ce que nature ne puet donner a homme mortel dist a son fil . garde quelconques lieu que tu soies que ades soit tes cuers et tes pensers a . j . Dieu, si laisse Dieu conuenir de toi et de toutes ne ia ne tentremetes autrement.” (So), “anchois est pires ke uns publicans. Mais savoirs, che est Salemons, qui eut de sapiense outre chou ke nature ne puet doner a nul home mortel. Chil en dist a son fil, [...] et seelé dedens ton cuer: garde ke tu laisses tous jours Damedieu convenir de toi et de toutes tes choses ne ja autrement ne t'en entrement.” (Po).

Na realidade, mais do que um fenómeno de omissão ocasional originada no processo de tradução ou na redacção dos apógrafos, como por vezes acontece, aqui estamos perante uma omissão que remonta provavelmente à versão que esteve na base da tradução, a mesma para ambos os testemunhos portugueses como já amplamente se mostrou.

2.13.

ST p. 67/ll. 29-9

C [...] quanto[16]
o homẽ boo[17]
da naue disse esto,
e el-rrey tâto lhe
[*p]razya que lhe
esquecerõ todolos
coyl[*d]ados e
nõ pẽssaua ẽ ssy
nẽhũua [*rr]em,
mays pẽssaua en
guissa que sse[*m]
elhaaa
aas uezes que
dormya e nõ po[dy]
a dele aprender
nẽhũua cousa
certa. Quando
tornou em ssua
memorya comẽcou
a olhar derredor
de ssy e nõ uju a
barca nẽ o homẽ.
E comẽcou a catar
cõtra toda parte da
pena e nõno pôde
ueer. E assẽtouse e
comẽcou a pẽssar
e marauilhouse
que era[18] aquel
que cõ ele ffallara
que muyto lhe dera
grã cõfforto, mays
tâto entẽdya bem
que nõ podya sser
ssenõ per poder de
Deos[3].

TT p. 176/ll. 8-17

[93v] quando ho
homem bom da nao
dezia ysto a el-rrey
a ele lhe *pareçia*
que *de sy se*
esqueçia escutamdo
e nom cuydava
em *sy nada mas*
cuydava as vezes
em maneyra como
dormya. E quando
tornou me sua
memorya começou
a olhar darrador
de sy e nom vio
a barca nem ho
omẽm bom e
começou a olhar
a toas as partes
da pena e depois
que ha nam pode
ver asemtou se e
começou a cuydar
e marauilhou se
quem era aquele
[94r] que tamt[o]
com ele falara que
muito lhe dera
gramde conforto
mas tamto que
entemdia bem que
nam podia ser se
nam por Deos

So p. 94/ll. 28-35

Entrementres que
li hons de la neif
disoit tels paroles
au roi si li furent
si *plaisans* quil
soublia tous en
lescouter . ne il ne
pensoit a soi *ne*
tant ne quant . et
quant il fu uenus
en sa memoire ausi
com il estoit deuant
. si commença a
regarder enuiron lui
. mais il ne vit la
neif ne celui a qui il
ot parle . et quant
il ne uit ne lun ne
lautre si sassist et
sesmerueilla mout
en son corage
ou il pooit estre
deuenus car moult
li auoit doune boin
confort . et de tant
se connissoit il bien
quil i estoit de par
Dieu uenus si en ot
mout grant ioie.

Po pp. 200-
201/§323.1-17

Endemetiers ke li
hom de la nef disoit
ches paroles, si
furent au roi si tres
durement *plaisans*
ke il *s'entroublia*
tous en l'escouter
ne il ne pensoit *ne*
tant ne quant a soi,
ne de nule riens
ne li souvenoit ke
seulement de chou
qu'il ooit. [...] Et
quant il eschapa
de chest pensé et il
fu repairiés en se
memoire, si com
il estoit devant,
si commença a
regarder environ
lui, mais il ne vit
onques ne la nef
chelui qui dedens
estoit venus. Et il se
drecha en son estant,
si commença a
regarder de toutes
pars en la mer. Et
quant il vit qu'il ne
le porroit en nul sens
coisir, si se rasist.
Lors commença
mout durement
a penser tout de
rechief et mout se
mervilloit en son
cuer qui chil pooit
estre qui tant avoit
a lui parlé, car mout
li avoit doné grant
confort; et tant
s'aperchevoit il bien
–si en avoit mout
grant joie– que li
hom ne pooit estre
se de par Dieu non a
qui il avoit parlé

A porção de texto que aqui colacionamos apresenta uma série de fenómenos que vale a pena ter em conta. Assim, ST começa por transmitir correctamente o elemento verbal “[*p]razya”, cujo equivalente se encontra em ambos os estemunhos franceses, que TT transforma na forma “pareçia”. Já “s’oublia tous” (So) / “s’entroublia tous” (Po) aparece em ST como “que lhe esquecerõ todosos cuydados”, tradução que seria aceitável do ponto de vista do sentido, não fora a ocorrência em TT da forma verbal “escutamdo”, que vai ao encontro da lição “lescouter” presente nos manuscritos franceses, tornando seguro que nenhum dos testemunhos portugueses transmite correctamente o que estaria na tradução e que, neste ponto, essa tradução ofereceria dificuldades, tal como já se passava em (2).

Experimentado dificuldades semelhantes às que se verificam em ST, o redactor de TT preferiu adoptar a estrutura da frase seguinte, alterando o objecto de “esquecer” e afastando-se mais, como sucede na maior parte dos casos em que há correcção motivada, do sentido do texto original, ao transmitir “de sy se esqueçia escutamdo”.

Com o verbo “pensar”, que neste trecho TT sistematicamente altera em “cuidar”, e ainda com a locução indefinida “ne tant ne quant”, presente em ambos os manuscritos franceses, que encontra em ST equivalência em “nêhũa [*r]em”, expressão já em desuso no séc. XVI e, por isso, transformada em TT na forma “nada”, é o ms. de Santo Tirso que melhor reproduz o original da tradução. Mas já o segmento “mas cuydava as vezes em maneyra como dormya” (TT) / “mays pêsaua en guissa que sse[*m]elhaua aas uezes que dormja” (ST), parece constituir uma particularidade da versão que foi traduzida para galego-português, à qual ST acrescenta ainda “e nõ po[dy]a dele aprender nêhũa cousa certa”, que se revela uma lição privativa deste manuscrito, constituindo uma expansão do primeiro segmento.

Como temos vindo a afirmar, as lições exclusivas de ST permitem confirmar reiteradamente a ideia de que este não representa um estágio intermédio entre o original da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* e a versão contida no manuscrito da Torre do Tombo.

2.14.

ST p. 68/ll. 16-22

“...a naue... *En tal guissa ueo dereyta aa pena e, quando a el-rrey uju arrybar, maraujllhusse que querya hy buscar.* E erguesse e [ca]

TT p. 176/ll. 23-28

“...a nao... *veo direyto a pena e quando ha el-rrey vio hy aribar maravilhou se muyto e esgeose e esteve oulhamdo ha nao e vio de la sayr*

So p. 95/ll. 2-7

“..la neif... *en tel maniere sen uint a la roche . Et li rois se drecha en estant et regarde la neif dune part et dautre . Et esraument en issi vne dame la*

Po p. 201/§324.
8-15

“...la nef... *En tel maniere vint tout droit a la roche; et quant li rois le vit ensi arrivee, si se commencha mout durement a mervillier ke che*

toua e uju end[*e]
ssayr hũa das
ffremossas
molheres que nũa
el ujra. E quando a
ele uju espåtouse,
pero disselhe que
fosse bem uijnda.
E ela disse que
ass[*y] era, poys lo
achara.

hua molher a mais
fermosa que numca
vira e quamdo a
vio espamtou se em
pero dy selhe que
fose bem vimda e
ela dise que asy era
pois ho achava

plus bele quil eust
onques ueue . et
quant il la uit si
en fu tout esbahis
que trop . et
nonporquant si
dist que bien fust
ele uenue . et la
dame li dist que
ausi estoit ele. car
ele veoit homme
de tout le monde
quele desiroit plus
a veoir.

*pooit estre et
senefiier et quel
chose nef estoit
venue querre.
Lors se drecha et
commencha la nef
a regarder d'une
part et d'autre et,
quant il se regarda,
si vit hors issir une
des plus tres bieles
femes ke il onques
eüst veüe et des
plus avenans. Et
quant il la vit, si
fu mout esbahis,
et nepourquant il
li dist*

Um caso interessante que corrobora o exposto no ponto anterior. De novo, a versão reproduzida pelos manuscritos portugueses anda próxima da versão mista, mas o manuscrito editado por Ponceau é mais extenso e mais amplificado do que o indiciado pelas versões portuguesas. Todavia, os mais relevantes segmentos verbais desta versão estão presentes em ST, embora se torne patente que a tradução que este manuscrito contém não estaria isenta de ambiguidades. O segmento “maraujlhousse que querya hy buscar”, com a dificuldade de ajustamento do sujeito “naue” ao verbo “buscar” pode ter suscitado dificuldades de leitura que levaram a que TT pura e simplesmente o omitisse, a menos que a omissão tenha sido mecânica.

3. Conclusões

Confrontando a parte da *Estória do Santo Graal* (LJA) conservada pelo testemunho do séc. XIII do Arquivo Distrital do Porto com o texto correspondente do manuscrito quinhentista da Torre do Tombo uma primeira ideia se torna saliente: contêm a mesma narrativa com os mesmos acidentes e, embora o lapso temporal que os separa, aparentam-se literalmente de uma forma muito significativa. Apesar disso, evidenciam também pontos de discordância e divergência. A primeira questão a que quisemos responder, ou seja, se seria possível que o fragmento mais antigo constituísse um antecedente do testemunho mais recente, ficou convenientemente elucidada com o recurso aos testemunhos franceses mesmo que a respectiva representatividade no seio da tradição manuscrita a que pertencem seja limitada. A resposta é claramente negativa. Tanto ST como TT alternam na transmissão de lições que encontram apoio nas versões francesas colacionadas, o que significa que tanto um como o outro se podem aproximar do que terá sido a tradução efectuada no séc. XIII que os antecedeu.

Nenhum pode ser antecedente do outro, o que, sendo manifesto para o caso de TT, não o era tanto para ST, sendo mesmo inexistentes, à partida, impedimentos a que se considerasse poder ser este o original da dita tradução.

Na realidade, a colação evidencia vários factos e leva à ponderação de algumas circunstâncias. No plano dos factos, para além de estas duas redacções representarem dois ramos distintos do *stemma codicum* da tradução portuguesa da *Estória do Santo Graal* (LJA), há que ter em conta as lições ausentes das versões francesas que ambos transmitem. São relativamente abundantes e se, em alguns casos, resultam provavelmente de particularidades que remontam ao texto francês a partir do qual a tradução foi realizada (7, 12), noutros são específicas do texto traduzido, podendo mesmo assumir a forma de verdadeira interpolação como sucede com o apontamento respeitante aos nexos de parentesco tio/sobrinho constantes de (8). Todas atestam que, no específico âmbito textual, ambos os testemunhos partilham um mesmo antecedente, ou seja, a redacção original da tradução galego-portuguesa. As lições privativas de ST são particularmente significativas e suscitam pistas de investigação novas, nomeadamente visando elucidar a permeabilidade à linguagem trovadoresca ou a certos mecanismos da narrativa em verso que nele se manifestam⁹.

Por outro lado, alguns *loci* em que tanto ST e TT divergem entre si como dos testemunhos franceses colacionados podem ser reveladores de aspectos interessantes da perda da tradução original, nomeadamente de algumas falhas contidas nesse texto, ou então de redacções demasiado próximas do original francês para poderem ser convenientemente compreendidas no âmbito de cópias realizadas fora dos ambientes onde esta língua se dominava ainda com desenvoltura (2, 3, 13).

No tocante à questão que directamente motiva o presente estudo, ou seja, apurar qual a configuração do arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estória do Santo Graal* (LJA), o trabalho de confronto entre os testemunhos peninsulares e destes com as versões francesas chamadas à colação, So e Po, indica que, por um lado, os textos portugueses se aproximam literalmente da versão breve contida em So e, por outro, inserem matéria que está omissa nesta versão, encontrando-se, todavia, na versão mista contida em Po. Do confronto efectuado na porção de texto contida em ST, podemos mesmo avançar um pouco mais, caracterizando a versão da *Estoire del Saint Graal* que está na base da tradução portuguesa como um texto cuja redacção era, em certos pontos, ainda mais breve do que a de So, embora contemplasse regularmente desenvolvimentos que virão a estar presentes, de uma forma muito mais amplificada, na versão mista contida em Po. Apesar disso, como se observou atrás, esse texto podia também comportar já pequenos detalhes que não se encontram nas versões francesas consideradas.

9 Também nos parece aceitável admitir que nos finais do séc. XIII os originais franceses ainda circulassem nos *scriptoria* do território português e que ST poderia ter sofrido a contaminação de um deles justificando-se, assim, a grafia “a lymagē” que nele ocorre (2).

4. Notas à transcrição de ST

- [1] Dias (2007): *com* []; ms: *tomou*.
- [2] Dias (2007): *a* [j]ymagẽ; ms: *a lymagẽ*.
- [3] Dias (2007): *Deus*; ms: *Deos*.
- [4] O revisor acrescentou mais um *a* em tinta vermelha.
- [5] Dias (2007): *fazer*; ms: *sacar*.
- [6] Dias (2007): *rrey*; ms: *rrẽ*.
- [7] O revisor acrescentou um *a* em tinta vermelha.
- [8] Dias (2007): *depoys*; ms: *despoys*.
- [9] Dias (2007) é [*ho]omẽ; ms: *omẽ*.
- [10] Ms: *se esmaya*.
- [11] Ms: *ca*.
- [12] Ms: *ome*.
- [13] Dias (2007): [*coyta*]; ms: *cuyra*.
- [14] Dias (2007): *dyzya*; ms: *dizya*.
- [15] Dias (2007): *desesperança*; ms: *desasperança*.
- [16] ms: *quanto*.
- [17] Dias (2007): *uo*; ms: *boo*.
- [18] O manuscrito transmite este vocábulo a vermelho.

5. Bibliografia

5.1. Textos manuscritos e impressos

ST = Arquivo Distrital do Porto NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012 (veja-se também Dias 2007).

TT = Ms. 643 da Torre do Tombo, ff. 81v – 94v (veja-se também Carter 1967).

Ponceau Po = Ponceau, Jean-Paul (ed.) (1997): *L'Estoire del Saint Graal*. 2 vols. (Paris: Honoré Champion Éditeur).

Sommer So = Sommer, Oskar H. (ed.) (1909): *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*. Vol. I. *Lestoire del Saint Graal* (Washington: The Carnegie Institution of Washington).

Carter = Carter, H. H. (ed.) (1967): *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press).

5.2. Estudos, dicionários e glossários

- Blecua, A. (1983): *Manual de crítica textual* (Madrid: Castalia).
- Bogdanow, F. (1960): “The Relationship of the Portuguese Josep Abarimatia to the Extant French mss. of the *Estoire del Saint Graal*”, *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76: 343-375.
- Castro, I. (1983): “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata”, *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1: 81-98.
- Castro, I. (1984). *Livro de José de Arimateia. (Estudo e Edição Crítica do Códice ANTT 643)*. Texto dactilografado (Lisboa).
- Catalán, D. (1962): *De Alfonso X al Conde de Barcelos* (Madrid: Gredos).
- Dias, A. F. (2007): “A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo”, *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, XXV–XXVI: 145-221.
- Entwistle, W. J. (1942): *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica* (Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa).
- Godefroy, F. (1982) [reimpr. 1891/1902]: *Dictionnaire de l'ancienne langue française de l'IXe au XV^e siècle*. 10 vols. (Genève / Paris: Slatkine).
- Houaiss, A. / Villar, M. de Salles (2003): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 vols. (Lisboa: Temas e Debates).
- Lapa CEMD = Lapa, Rodrigues M. (ed.) (1965): *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* (Coimbra / Vigo: Galaxia).
- Lorenzo Gradín, P. / Souto Cabo, J. A. (eds.) (2001): *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario* (Santiago de Compostela: Xunta de Galicia).
- Lorenzo, R. (1977): *La traducción galega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Vol. II. *Glosario* (Ourense: Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”).
- Maiá, C. de Azevedo (1986): *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian).
- Márquez Villanueva, F. (2004): *El concepto cultural alfonsí* (Barcelona: Edicions Bellaterra).
- Mattoso, J. (1999): “A transmissão textual dos livros de linhagens”, em Faria, I. Hub (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*: 565-584 (Lisboa: Edições Cosmos).
- Meyer-Lübke, W. (1935): *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung).
- Michaëlis de Vasconcelos, C. (1920): “Glossário do Cancioneiro da Ajuda”, *Revista Lusitana*, XXIII / 1-4: 1-95 (posteriormente incorporado no *reprint* do *Cancioneiro da Ajuda*).

- Michaëlis de Vasconcelos, C. (1990) [1904]: *Cancioneiro da Ajuda*. 2 vols. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda).
- Miranda, J. C. Ribeiro (1998a): *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo* (Porto: Granito).
- Miranda, J. C. Ribeiro (1998b): *Galaaz e a Ideologia da Linhagem* (Porto: Granito).
- Nascimento, A. do (2008): “As voltas do *Livro de José de Arimateia*: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 5: 129-140.
- Nunes DP = Nunes, I. Freire (ed.) (1995): *A Demanda do Santo Graal* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda).
- Sánchez-Prieto Borja, P. (1998): *Cómo editar los textos medievales. Criterios para su presentación gráfica* (Madrid: Arco Libros).
- Sharrer, H. L. (1977): *A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material*. Vol. I (London: Grant and Cutler).